

Você Vai Ter Roupas Sempre Passadas

Qual é o exato valor dêsse nôvo processo de tratar as roupas para que elas se conservem sempre passadas?

DON WHARTON

“A MAIOR DESCOBERTA relacionada com tecidos desde o advento das fibras artificiais”, diz o *Daily News Record*, bíblia do comércio de roupas masculinas nos Estados Unidos. “Uma revolução capital na indústria dos tecidos e da indumentária”, afirma *Business Week*. “O maior acontecimento no setor têxtil depois do aparecimento das meias de nylon”, declara *American Fabrics*.

Tôdas essas referências foram feitas às roupas permanentemente passadas, isto é, ao método mais recente de fabricar roupas que não precisam ser passadas a ferro. Serão destituídas de fundamento essas alegações, se-

melhantemente ao que aconteceu com o alarido de falsas promessas ouvido há alguns anos sôbre os tecidos que não precisavam ser passados a ferro? De modo nenhum. Foi essa a conclusão a que chegaram os entendidos sôbre essa descoberta que está rapidamente se transformando em uma das grandes indústrias dos Estados Unidos.

O nôvo processo se vem propagando de modo sensacional. Há dois anos não havia nem o nome de roupas “permanentemente passadas” (ou “duradouramente passadas”, como querem alguns que alegam que neste mundo nada é “permanente”).

É a expressão mais empregada no setor de roupas masculinas para esporte e trabalho, tendo ingressado também no comércio masculino de camisas sociais e esportes, no campo de roupas femininas e infantis, roupas de cama, casacos, pijamas e capas de chuva. No catálogo do outono de 1964 da Montgomery Ward & Co., casa de vendas pelo reembolso postal, não havia a menor referência a roupas permanentemente passadas. Entretanto, 14 páginas do catálogo do outono de 1965 estão repletas com a relação de artigos permanentemente passados. Nos nove primeiros meses de 1965, uma só loja do Texas vendeu 22 000 calças permanentemente passadas. Em cerca de 433 milhões de calças de homens e rapazes a serem vendidas neste ano nos Estados Unidos, calcula-se que aproximadamente 200 milhões serão permanentemente passadas, o mesmo acontecendo com 131 milhões dos 474 milhões de camisas sociais e esportes que serão vendidas naquele país.

O impulso para esse desenvolvimento, que já abrange no mínimo quatro trilhões de cruzeiros de mercadorias, pode ser atribuído a um pequeno fabricante de roupas de esporte para mulheres. Há cerca de 12 anos essa firma, a Koret da Califórnia, começou a fazer saias com pregas permanentes. Os técnicos da Koret impregnavam os tecidos de algodão com uma mistura de resinas especiais e faziam as saias com o tecido assim tratado. Colocavam depois

a saia num forno e a “cozinham” com pregas e tudo. O calor fazia as resinas reagirem (“curarem” é o termo técnico), e a saia conservava as pregas e resistia à formação de rugas tanto com o uso quanto com a lavagem. Curar a roupa depois de feita parecia um processo muito melhor do que o antigo método usado em tecidos de algodão que não precisavam ser passados a ferro, obtidos por um processo que os curava previamente para depois transformá-los em roupas.

Parecia que a Koret fizera uma boa descoberta, de modo que se realizaram experiências com outras roupas de algodão: *slacks* de mulher, *shorts* e bermudas. Mas a Koret dispunha de instalações de pesquisa muito limitadas. Tinha de recorrer para parte do processamento a uma pequena casa que tingia tapêtes em São Francisco, e certos problemas, como a tendência das côres a escorrerem e o cheiro, estavam acima dos seus recursos. A Koret tirou patente do processo, adotou a marca registrada “Koratron” e resolveu dar autorização de uso a fabricantes de roupas e tecidos em troca de *royalties*. Ninguém se interessou.

Mas em princípios de janeiro de 1963, George Aufderheide, vendedor da Companhia Graniteville, firma produtora de tecidos da Carolina do Sul, passou pelos escritórios da Koret em São Francisco. Mostraram-lhe alguns *slacks* que, depois de 10 lavagens sem passagem a ferro, ainda estavam com um vinco excelente

e não estavam amassados. Aufderheide pediu dois *slacks* que não tivessem sido lavados. Naquela noite, no motel onde estava hospedado, mergulhou as roupas na pia e tratou de lavá-las. Quando as roupas secaram, não estavam amassadas. Aufderheide levou as roupas para a Carolina do Sul, e pouco depois a sua firma concluiu um acôrdo com a Koret e Levi Strauss, fabricante de uma marca bem conhecida de calças para homens chamadas Levi, para fazer *slacks* permanentemente passados para homens. A Koret contribuiria com o processo e a técnica, a Graniteville produziria os tecidos impregnados com as substâncias químicas e Levi Strauss fabricaria as roupas e as curaria no forno da sua fábrica de Knoxville, no Tennessee. O trio trabalhou durante quase um ano, testando partida sôbre partida de roupas de experiência. Lutaram com muitos problemas: tintas que escorriam, cheiros e até uma tendência do tecido tratado a curar-se espontâneamente, antes de ser aproveitado em roupas. A firma Levi gastou quase um milhão e meio de dólares nesse programa antes que os consumidores pudessem sequer ver um desses *slacks*. Por fim, em fevereiro de 1964, as primeiras roupas permanentemente passadas produzidas em série—na sua maioria *slacks* de algodão—começaram a aparecer nas lojas, sendo logo vendidas e encantando a todos com a aparência de bem passadas que tinham ao sair das máquinas domésticas de secar.

Mas houve logo uma nota dissonante. Muitos *slacks* foram devolvidos como defeituosos. O próprio tratamento químico, que fazia as fibras de algodão voltarem à posição marcada quando tinham sido curadas no forno, as havia enfraquecido. Alguns *slacks* se rasgavam nos joelhos e outros esgarçavam no assento, nos vincos e nas bainhas.

A fábrica Levi voltou a trabalhar no caso. Em breve fez a Graniteville produzir tecidos tratados, feitos de algodão misturado com uma fibra sintética chamada *polyester*. As fibras de algodão, reagindo às substâncias químicas, continuavam a voltar à sua forma primitiva, e as fibras de *polyester*, que não tinham sido submetidas à ação dessas substâncias, proporcionavam a resistência adicional para compensar a que o algodão perdia. As roupas permanentemente passadas, já estabelecidas numa base firme, estavam em marcha. No final de 1964 o número de fabricantes de tecidos e de roupas autorizados a usar o processo Koratron elevava-se a 55. Um ano depois subira a 190. Ao mesmo tempo vários outros produtores de tecidos descobriram processos semelhantes de curar as roupas. Essas e outras firmas engendraram também tôda uma série de métodos de cura prévia dos tecidos bem diferentes dos usados nos velhos tecidos que não precisavam ser passados a ferro. Empregam agora novas substâncias químicas em maior quantidade, de modo a fazer o tratamento durar duas a três vêzes mais.

Adotando o processo de curar prévia ou posteriormente a roupa, os 17 maiores produtores de tecidos dos Estados Unidos estão todos articulados com as roupas permanentemente passadas. Centenas de fabricantes de roupas compraram novo equipamento: fornos automáticos que tratam 100 dúzias de peças de roupas por hora, e prensas munidas de um cérebro eletrônico que processa fichas de controle e programa ciclos de repetição para uma grande variedade de tecidos.

A revolução está estendendo-se à Europa. Uma firma inglesa criou um processo de passagem permanente de roupas, algumas tecelagens alemãs estão fazendo experiência e dois fabricantes de roupas da França já entraram no ramo.

Os consumidores não estão pagando barato pelas roupas passadas permanentemente. Em geral o processo eleva de 1 000 a 2 000 cruzeiros o preço de uma peça. Por outro lado, os industriais de tecidos reconhecem que a passagem permanente quase sempre reduz a durabilidade. Muitas donas de casa parecem satisfeitas em pagar mais para não terem de passar roupas. Duas grandes cadeias de lojas de departamentos dos E.U.A. já estão vendendo lençóis e fronhas permanentemente passados, feitos de uma mistura de *polyester* e algodão. Algumas lojas vendem toalhas de mesa permanentemente passadas.

Mas os consumidores devem estar prevenidos contra as previsões otimistas de que os tecidos passados

permanentemente invadirão dentro em breve todos os setores e expulsarão do mercado os outros produtos. Certos problemas de ordem prática permanecem. Por exemplo, o processo é contra-indicado para os guardanapos, desde que reduz extremamente a absorção. Não se tratou ainda da produção de ternos passados permanentemente porque ainda não se descobriu uma maneira satisfatória de fazer alterações nas roupas que passaram pelo forno. (As calças permanentemente passadas são feitas em tão grande variedade de tamanhos que sempre se encontra alguma que sirva exatamente.) Embora o novo processo tenha tido grande aceitação no setor das roupas de trabalho, nesse ponto a falta de absorção pode ser também um inconveniente. A dona de casa pode adorar as camisas e as calças porque dispensam o ferro, mas talvez o mesmo não suceda com a pessoa que trabalha, se o trabalho a faz suar.

Há outros fatores que restringem o uso de roupas permanentemente passadas. P. J. Fynn, gerente do centro de análise de mercadorias de uma cadeia de lojas, diz:

—A combinação do que há de melhor em fibras, tecido e tratamento químico, na confecção da roupa, na passagem e na cura final produz resultados excelentes, mas é quase impossível manter essas condições ideais constantemente na produção de milhões de peças.

Por conseguinte, não abandonem ainda o ferro de engomar!

é nova
é bonita
é Remington



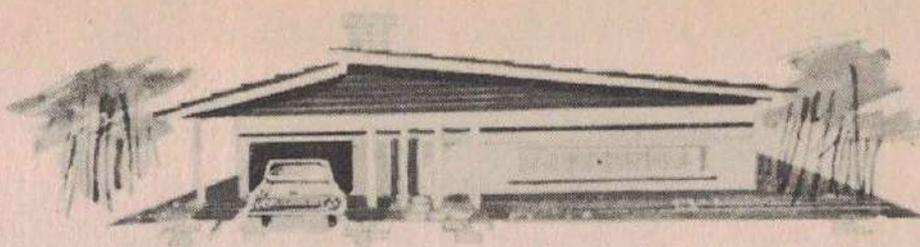
Remington 21

A nova Remington 21 reúne tudo o que você espera de uma máquina de escrever: sobriedade e distinção, em linhas modernas e funcionais. Côres harmoniosas, para qualquer tipo de decoração. E tôdas as características mecânicas que tornam a Remington líder mundial - há quase cem anos - em máquinas de escrever.

Chame o Representante Remington - Ele terá orgulho em lhe mostrar a nova Remington 21.

Remington Rand do Brasil S.A.

Filiais e revendedores nas principais cidades do País.



Como é bom saber que, por fim, V. pode ter



um Chevrolet brasileiro na garage de sua casa!



NÓVO CHEVROLET

O VERDADEIRO UTILITÁRIO BRASILEIRO DE CLASSE!



Produto da General Motors do Brasil S. A.
Visite o Concessionário Chevrolet autorizado de sua cidade